

O JOVEM DA METRÓPOLE: QUE ALUNO É ESSE? –UMA ANÁLISE DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL MURILO BRAGA

PESSOA, Renata¹; CHAVEIRO, Eguimar Felício²

Palavras-chave: jovem, metrópole, ensino-aprendizagem.

1. JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

As mudanças ocorridas no mundo na era da globalização têm implicado em alterações em todas as esferas da vida humana, desde o modo de vida das pessoas até como os indivíduos se constroem nos grupos societários. Alguns autores, como Arroyo (2004), Viana (2004) e Souza (2003) afirmam que a juventude é a expressão da sociedade moderna. Isso implica que compreender a juventude que se tem hoje contribui para o entendimento da realidade em que vivemos.

Partindo do pressuposto de que há no tempo atual uma outra estrutura de ser jovem diferente daquela existente na década de 1960, conhecer esse jovem torna-se uma necessidade do ensino de Geografia, já que a operação pedagógica deste ensino tem como tarefa conduzir o aluno a uma contextualização de seu lugar no mundo, através de sua espacialidade e de sua condição social.

Por conseguinte, ao falarmos do jovem do século XXI temos que atentar para o fato de que este é um jovem que se constrói dentro de uma sociedade fragmentada pelas características inerentes à globalização, baseadas na efemeridade das coisas, no tempo rápido, na desreferencialização de valores, na quebra de fronteiras do capital e da mercadoria, na ênfase compulsiva pelos modismos. Esses atributos arrefecem os valores morais e éticos provenientes da tradição.

Nesse conflito não apenas a juventude, mas toda identidade de sujeito que desenvolve a sua vida nesse tempo, carrega em si as contradições que alimentam a existência do mundo global. Devemos considerar o jovem um sujeito social, fruto de um processo histórico.

Justificou a pesquisa o foco espacial, uma vez que a realidade metropolitana tem como característica produzir, divulgar e disseminar valores dominantes das instituições hegemônicas que governam o mundo. Dessa maneira, a juventude numa metrópole lida e é aliciada por signos do campo hegemônico do mundo. Isso resvala na sua condição de sujeito – e de ser aluno.

Não por acaso, que se diz que a metrópole é um templo de vários lugares afeiçoando o seu sujeito aos ditames das instituições que se apoderam do espaço. Na pesquisa que se desenvolveu, por conta disso, havia um pressuposto: a juventude da metrópole é um aluno que tem outra potencialidade e guarda contradições inerentes ao espaço metropolitano.

2. OBJETIVOS

Buscamos através desta pesquisa interpretar o jovem-aluno da metrópole goianiense averiguando a maneira pela qual transfere as suas contradições para o ensino-aprendizagem de Geografia, percebendo a visão que se tem hoje de juventude; a forma que o jovem vivencia o espaço da metrópole (no caso a cidade de Goiânia) mediante a sua inserção na escola pública; a sociabilidade da juventude na escola a partir da sua prática cotidiana, compreendendo como tem se relacionado com o espaço escolar e a contribuição pedagógica na formação do jovem como indivíduo cidadão; diagnosticar como ele lida com as variadas formas de violência presentes na sociedade neoliberal à luz da compreensão de seu lugar no mundo contemporâneo, além de compreender a visão do professor de geografia acerca do jovem-aluno e respaldar teoricamente o que fundamenta essa visão.

3. METODOLOGIA

Os pressupostos metodológicos que deram suporte a esta pesquisa tiveram início em estudos e discussões levantados no programa de Demografia da Universidade Federal de Goiás no ano de 2004, no qual tratávamos do jovem atual. Posteriormente, foi elaborado um projeto de pesquisa que partiu de problematizações acerca da identidade e formação do jovem-aluno atual, o qual foi desenvolvido através do PROLICEN da Universidade Federal de Goiás.

Os dados apresentados foram obtidos através do levantamento de fontes que tratavam da juventude atual sendo selecionados e analisados textos que nos permitiram conhecer e visualizar o foco da pesquisa, ou seja, a juventude, dentro do espaço escolar. Os estudos acerca do jovem-aluno nos possibilitaram elaborar questionários que posteriormente foram aplicados aos jovens-alunos do ensino fundamental, matutino e noturno, e aos professores de geografia da Escola Estadual Murilo Braga. Antes de analisar os questionários, tratamos de desenvolver colóquios internos com o resultado das leituras. Além disso, desenvolvemos palestras abordando o assunto e referenciando a pesquisa.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Ao falarmos de juventude temos que levar em consideração o contexto histórico em que está inserida, devemos vê-la dentro da estrutura global e mediante as contradições que advém dessa estrutura.

A juventude surgiu em meados do século XX como uma categoria coletiva e, portanto, como uma categoria política. Porém, no início do século XXI o que se nota é que há uma outra visão da juventude, não mais como categoria coletiva, nem política, revolucionária ou mesmo idealizadora de utopias.

Caracterizada pela falta de referenciais ideológicos, a juventude do século XXI, convive, cresce e se molda a partir de valores ligados ao mercado, a mercantilização da natureza, do corpo, da vida e dos símbolos, o que faz com que o jovem hoje se sinta perdido, principalmente o jovem metropolitano que convive diariamente com realidades antagônicas: o jovem da periferia urbana que quer usar roupas de grifes famosas e o jovem rico que usa o seu poder aquisitivo para aparentar ser “o cara”, ambos deslocados no mundo tentando de alguma forma inserir-se na sociedade.

Muitos autores afirmam que a juventude como categoria coletiva não mais existe, Souza (2003) apresenta-nos três teses acerca desse fenômeno: a primeira é de que a juventude atual estaria sendo incapaz de ter uma visão crítica sobre a ordem social, estando submissa às idéias e valores estabelecidos, passiva e carente de imaginação utópica. A segunda tese é que a juventude do pós-guerra teria como principal valor o “lazer”, valorizando o prazer e o consumo como fontes de gratificação imediata.

A outra tese, e sobre a qual a autora assenta seu trabalho, é a de que o jovem deixou de visar o coletivo para ter em vista o eu, já que não consegue mudar a realidade insere-se no sistema visando obter benefícios, deixando de pensar em um mundo melhor para lutar por uma posição melhor, mais cômoda para si mesmo.

Observamos que as três teses apesar de diferentes possuem um ponto comum, já que todas se referem à dificuldade do jovem em construir sua identidade em uma sociedade efêmera e fragmentada, como a atual. Esse ponto comum é a fragilidade coletiva e, uma vez frágil, a absorção dos valores hegemônicos. Para compreendermos um pouco mais o fenômeno da juventude analisaremos agora como é a sua inserção no espaço metropolitano.

O Jovem e o espaço Metropolitano

Detivemos, a partir dos estudos e da pesquisa, num fato substancial da interpretação da juventude: ela não corresponde a um grupo homogêneo, mas bastante diverso. E o fato da sociedade contemporânea estar centrada no espaço urbano, contribui pra essa heterogeneidade já que este é um local onde ocorrem relações sociais de diferentes

naturezas – econômicas, políticas, científicas, etc -, reunindo e fazendo interagir, em um mesmo espaço, diferentes tipos de sujeitos.

Sujeitos que exercem diferentes práticas sobre o mesmo espaço originando diversas identidades territoriais, sendo comum o convívio e o confronto cotidiano de diversos símbolos, sendo que essa diversidade influi de maneira relevante na construção da identidade do jovem.

Um aspecto interessante que se observa é o modo como os jovens têm se organizado no espaço metropolitano: uma parte relevante participa de algum grupo, denominados pelos sociólogos de tribos urbanas, sendo estas ligadas à religião, prática esportiva, preferência musical, entre outras. E a outra desenvolve a sua vida a reboque da sociabilidade comum.

A opressão do presente que lhe dificulta a própria existência o coloca numa perspectiva de medo com o futuro e de competição estressada no cotidiano. E com todo esse peso sobre os ombros, o jovem ainda tem que lidar com outros problemas cotidianos, comuns na sociedade neoliberal, sendo os mais graves, segundo os entrevistados a dificuldade em arrumar emprego, a desestrutura familiar, as drogas e principalmente a violência.

Violência sofrida é violência refletida

A violência que o jovem metropolitano sofre é refletida na sociedade urbana com igual ou maior intensidade, nesta pesquisa trataremos a violência sobre uma ótica diferente, através das formas mais sutis que a sociedade atual utiliza para violentar os jovens. Dentre estas formas de violência destacam - se a violência identitária e a violência informacional.

A violência identitária está ligada à idéia que se tem do que é ser jovem. A sociedade criou um ideal de jovem – descompromissado, sedutor, estiloso, etc. – e que é pregado nos meios de comunicação, porém não são todos os jovens que se enquadram nesta definição especialmente porque não tem condições financeiras para tal.

Enquanto, a violência informacional diz respeito à quantidade de informações que são “jogadas em cima” dos jovens, pois o mundo competitivo em que vive exige dele que seja o melhor, que saiba de tudo, e tenha uma opinião formada sobre tudo para que consiga se destacar dos demais e ter um bom emprego, no entanto não prepara o jovem para receber essas informações, não o ajudam a desenvolver o olhar crítico.

E, com tantos problemas, conflitos, cobranças o jovem procura uma forma de escapar, podendo acabar em extremos, como a drogadição ou fanatismo religioso, ou mesmo, pulando de um desses gêneros para o outro; há ainda os que optam por se alienar dizendo “que o mundo se exploda eu não me importo”. E, aqueles que tentam inserir-se no sistema, acreditando que não importa quem sejam ou o que façam o mundo continuará o mesmo.

É esse indivíduo cheio de conflitos, confuso, fragmentado, inquieto e ansioso que na escola se torna aluno. E que empresta a sua alma e o seu patrimônio societário à prática pedagógica e didática.

OS JOVENS E O ESPAÇO ESCOLAR

Já conhecendo um pouco mais o jovem, nesta parte trataremos da transformação deste jovem em aluno ao inserir-se no ambiente escolar. Mas, antes abordaremos a crise por que passa a escola.

A juventude numa escola em crise

Ao falar-se de escola pública no Brasil é inegável afirmar que esta passa por um período de crise, e para analisarmos um pouco essa crise nos basearemos nos estudos de Souza (2003) e Arroyo (2004), dois estudiosos que enxergam a crise sob ângulos diferentes.

Souza (2003) em seus estudos afirma que a escola está em crise, porém a autora nos diz que o problema é mais complexo, segundo ela a sociedade contemporânea está em crise e a escola por ser uma instituição desta sociedade insere-se no seu bojo.

Enquanto, para Miguel Arroyo (2004) a crise por que passa a escola tem como cerne a quebra da imagem que tínhamos do aluno. Afirmando que se encontra em um momento de transição na história, no qual todos os valores que permeiam a sociedade contemporânea estão sendo revisados, em que surgem outros tempos de vida, outras formas de ser e de se comportar, o autor nos coloca que há um clima de tensão na escola entre professores e alunos, já que uma alteração na imagem do aluno implica na alteração da imagem produzida pelo professor sobre quem é o aluno com quem trabalha.

A visão dos professores de Geografia acerca do jovem-aluno

A conclusão mais importante que chegamos, e que já era um pressuposto deste estudo, é que o professor de geografia não conhece o aluno com quem trabalha. Ao analisarmos os questionários respondidos tanto por professores quanto por alunos concluímos que há dificuldade em estabelecer diálogo entre ambos, que professores e alunos não se entendem. Os professores percebem que houve alteração na imagem do aluno, mas não conseguem se aproximar do seu mundo real e simbólico. O aluno se vê distante do professor, nomeia-o como necessário, mas “chato”.

O Jovem-aluno, a escola e o trabalho

Na análise dos questionários notamos que a faixa etária é bem diversa, variando entre 11 e 20 anos, observamos também que por se tratar de uma escola situada na periferia, boa parte dos entrevistados além de estudar trabalha ou está à procura de emprego. Ou seja, há uma ampliação do espaço de vivência dos jovens-alunos, e o fato do local de trabalho ser um local rígido, com normas que devem ser seguidas, o contrapõe com uma visão informal da escola, local em que em que também há regras, mas que podem ser quebradas.

Quando perguntados sobre a importância da escola, os alunos admitem que esta realmente é significativa, mas por uma preocupação que tem em relação ao futuro e ao significado que o certificado tem na sociedade atual. E apesar de admitirem a importância do ensino, consideram que as horas que vivem na escola são as menos importantes, são horas desperdiçadas e que poderiam nesse mesmo tempo estar realizando atividades que lhes proporcionassem prazer.

Ao responderem sobre o que mais gostam de fazer nas horas de folga, ou de lazer as respostas giraram em torno da convivência com os amigos - praticar esportes, sair, etc -, além de em outras questões terem reafirmado a importância da socialização com outros jovens. Percebemos que vêem a escola como um local de interações e de trocas simbólicas, um local onde podem se relacionar com pessoas que partilham dos mesmos interesses. Isso os faz gostarem da escola e não gostarem das aulas.

A pesquisa nos mostrou que para o jovem-aluno da metrópole a escola não é um local de aprendizado, tendo alguns afirmado ainda que a escola não lhes ajuda em nada, é uma perda de tempo, ao ser questionado sobre o porquê de ir a escola um aluno respondeu “porque tenho que ir”.

Ao analisarmos essa postura quanto ao aprendizado escolar, e pensarmos primeiramente enquanto jovens percebendo os problemas que permeiam a formação de sua identidade e de sua construção como indivíduo, torna-se compreensível a dificuldade que tem o jovem metropolitano em se tornar aluno, pois a escola lhe garante sociabilidade a partir da violência e não lhe convence de que o seu futuro pode ser garantido sem ela. Pelo lado da escola, há a tendência dos professores não conhecerem os alunos e, mediante o desconhecimento, praticar posturas didáticas e pedagógicas defasadas com o aluno real.

Tal como é a tese de Arroyo (2004) esse mal-estar na escola pode ser fecundo porque desafia o pensamento de pesquisadores e obriga os professores, os gestores e os

planejadores a enfrentarem o problema. Não à-toa que crescem as pesquisas pautando a jovem-aluno como centro de seus interesses.

5. CONCLUSÃO

A juventude atual tem como “característica” marcante os conflitos que carregam em si e que o mundo globalizado lhes outorga, especialmente por estar inserida em um momento de transição da história, sendo que a dificuldade de estabelecer normas e limites em uma sociedade em que tudo é efêmero e mercantil tem aspecto relevante na sua formação.

Uma certa faixa dos jovens de hoje têm um discurso pré-fabricado pela sociedade capitalista, decoraram o que é certo e o que é errado, por conseguinte a desreferencialização moral e ética que sofrem, faz com que não compreendam o que é realmente os levam a situar-se neste mundo e os impedem de ter noção real das consequências de seus atos.

Principalmente porque um dos principais responsáveis pela formação simbólica dos jovens é a televisão, que a todo o instante os “bombardeia” com uma quantidade de informação que não os permite assimilar quase nada, além do que os valores que a TV prega são valores consumistas. Assim, para a juventude de hoje não importa quem são, mas o que vestem. O fenômeno da circulação dos símbolos encontra na metrópole o seu espaço de excelência. Nela, os símbolos da moda e dos valores dominantes fluem com rapidez, estendem-se como um poder aniquilador das identidades tradicionais, gerando conflito de gerações e dificultando a relação pai-filho.

Percebendo que, de fato, há um tipo de aluno, pois enquanto jovem, ele possui novos mecanismos de sociabilidade e de constituição mental. É um aluno que sofre a fragmentação, inquieto, ansioso, e que tem uma ligação efetiva com o mundo. Percebe-se que a condição de trabalho é o que pesa mais em sua motivação de vida. A escola à medida que não lhe garante trabalho, torna-se palco de outras negociações simbólicas, inclusive para transferir seus “problemas de casa” como forma de violência.

A violência, a partir daí, entra na escola como modalidade de catarse e passa a aglutinar os signos que vão permitir que os professores desenhem a imagem de seu aluno. Nessa defasagem de interpretação, advêm os equívocos pedagógicos e o tom reclamante dos professores.

A disciplina demografia poderia – e deveria – contribuir para que alunos e professores pudessem ter uma interpretação mais acurada de seu lugar no mundo. Entretanto, a modalidade burocrática do fazer-escola impede que isso aconteça. Muitas vezes, cumpre-se obrigação curricular para o sistema burocrático da escola – e não se interroga quem é o sujeito que ensina e quem é o sujeito que aprende mediante o método com o qual trabalha nas matérias.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOUZA, Regina Magalhães de. Escola e Juventude: o aprender a aprender. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

VIANA, Nildo. A dinâmica da violência juvenil. BookLink Publicações, 2004.

FONTE DE FINANCIAMENTO – PROLICEN/UFG.

1 Bolsista de iniciação científica do PROLICEN. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/UFG. represso@hotmail.com

2 Orientador. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais /UFG. equimar@hotmail.com